

PORTO ALEGRE, 22 DE MAIO DE 1881

# REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

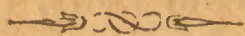
Anno I

ASSIGNATURA

Num. 16

PARA A CAPITAL: Semestre 5\$000—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

## LETRAS E...



As ultimas correspondencias de Pariz trazem a agradável noticia de que brevemente sahirá á luz da publicidade um importante e util livrinho — O Almanak Parisiense.

Todos sabem o quanto vale um almanak e nós não temos tempo nem espaço para fazer-lhe so-ber-sahir as vantagens. Superficialmente olhado não tem importancia alguma; más, quantas informações uteis, quantos conhecimentos interessantes, elle não põe, com a facilidade do livro pequeno e barato, ao alcance de todas as intelligencias, que muitas vezes só com grande esforço e durado estudo chegarião á sua comprehensão em livros custosos e de grande folego?

O Almanak que vimos de apresentar é um specimen no seu genero. Nascido do meio da ebulição da mentalidade humana, nascido nesse centro que se chama Pariz, ha de trazer forçosamente, impressas e coloridas, as scintillações dos talentos dessa pleiade brilhante que compõe o circulo de ouro da litteratura e das artes na grande cidade.

Acha-se á sua testa um nome que nos enche de gloria e ufania e que é uma garantia do seu completo exito; esse nome é o do muito illustrado e distincto paraense Dr. Sant'Anna Nery. Escrevel-o é recommendar exuberantemente o utilissimo livrinho.

O Almanak trará, além das indicações e noticias proprias destas publicações, apontamentos interessantissimos ao brasileiro que pretender percorrer Pariz, peças de musica de diversos maes-

tros, desenhos e gravuras dos melhores abridores, retratos de alguns escriptores e poetas, parte litteraria firmada por pennas escolhidas, etc.

A edição para o Brazil será em portuguez. O preço de cada volume 1\$500.

As pessoas que quizerem por este preço possuir um lindo exemplar desta obra encontrarão na typographia do *Conservador* aberta uma subscrição que ja vai bastante adiantada, notando-se que só virão para esta cidade o numero de assignaturas que forem subscriptas.



## ANTROPOPHAGIA



A mulher a quem voto os meus cuidados,  
A luz da minha vida, a minha aurora,  
A grega formosura que me inflora  
Da mocidade os dias descuidados;

Não é um desses typos descorados,  
Anemico, franzino, que enamora  
Os velhos D. Juans, crevés d'outrora,  
Vendendo-lhe sorrisos calculados.

Não tem no rosto a pallidez da neve,  
Mas nos olhos o brilho dos crystaes  
E estranha seducção na cinta breve...

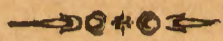
Ao ver-lhe tantas graças sensuaes,  
O bardo approximar-se não se atreve,  
Receando uns instinctos canibaes!

SILVINO VIDAL.

Rio Grande—1880.



## GELO FUNDIDO



### I

Um dia Buonarotti, — o genio varonil,  
 O propheta immortal,  
 Esse que advinhou o impavido perfil  
 Do juizo final;

Poz-se a talhar no gelo  
 Uma estatua formosa — em languido delirio,  
 Que teve a pallidez das petalas do lyrio,  
 Um porte airoso e bello.

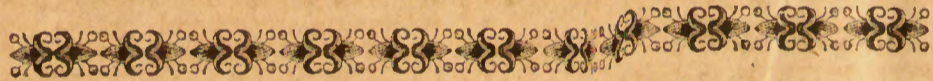
Buonarotti depois de joelhos contemplava  
 A agua contrahida,  
 Assim submettida  
 A' pressão collossal do genio que irradiava...

### II

E enquanto elle contempla a obra sublimada,  
 N'um mar de pallidez, anemico, banhada,  
 O sol, clarão enorme, desponha no infinito  
 E atira sobre a terra as suas flechas d'ouro,  
 Que rasgão, faiscando, os flancos do granito,  
 Derretendo ao pintor — o ephemero thesouro!...

TIMOTHEO DE FARIA.

Porto Alegre — 1881.



## OS AMOLADORES



O espectro de Banquo, a estatua do Commen-  
 dador, o côro das Eumenides, as sete pragas do  
 Egypto, a sombra de Nino e outros lugares com-  
 muns, que aterrorarão nossos avós, são hoje impoten-  
 tes para produzir sobre a geração moderna o mais  
 passageiro susto. Como, porém, era preciso, afim  
 de não destruir as leis do equilibrio que regem o  
 mundo, que alguma coisa viesse substituir essas  
 extinctas sombras implacaveis, a sociedade segre-  
 gou de si um ente que as deixa a perder de vista:  
 é o massador.

Debaixo d'este substantivo masculino e ple-  
 beu, existe uma especie de inimigos terriveis da  
 nossa independencia, como debaixo das mais inof-  
 ensivas apparencias de um ministro do Evange-  
 lho existe um jesuita. Comonão houve um grito

de alarme, quando esse flagello entrou serena-  
 mente na vida, ninguém deu por tal. Pude então  
*crescer e multiplicar-se* á vontade como se o bom  
 Deus lhe tivesse dedicado expressamente esses  
 dous verbos da biblia. Uma vez acomodado no  
 seu elemento, veio perturbar os sonhos pacificos  
 de todo o homem na qualidade de flagello obri-  
 gatorio.

O massador !

Prouvera aos céos que elle fosse uma simples  
 palavra, e que existisse apenas no dictionario de  
 Lacerda, á pagina 543. Desgraçadamente, a sua  
 existencia real é mais do que certa. Quem o não  
 encontrou ainda? Ninguém! Elle está aqui, ali,  
 acolá, na villa, na cidade, no campo, e pode-se  
 dizer que rivalisa com Deus, porque está, como  
 elle, em toda a parte.

Desde o momento em que a fatalidade per-  
 mittio que lhe merecessemos sympathia — e isto  
 acontece sempre — só nos resta uma cousa: a emi-  
 gração. Os seus dominios estendem se por toda a  
 cidade, da rua á estação, aos clubs, aos bailes,  
 aos theatros, á vida privada, ao lar domestico. A  
 casa do cidadão é inviolavel, dizem as leis. Serão  
 menos para elle.

Nós somos uma das suas victimas predilectas,  
 e conhecemos por experiencia o typo assustador  
 que toma na civilisação moderna o caracter de  
 um perigo social, de um trambolho de chumbo  
 atado ás pernas do homem livre.

Em primeiro lugar elle conhece-nos. Como  
 mysterio profundo. Falla-nos, trata-nos familiar-  
 mente, toma-nos o braço, insinua-se, fixa-nos,  
 arroja sobre nós o Niágara dos seus contos e his-  
 torias, mais cerrados do que um esquadrão, mais  
 impetuosos do que uma tromba marinha. E' im-  
 possivel descobrir uma abertura, ou antes uma  
 passagem salvadora. A sua voz nasal tem a melo-  
 péa somnolenta de uma orchestra no momento da  
 afinação, e a espessura de um quadrado militar.  
 Achamo-nos envolvidos n'um nevoeiro de opio,  
 adormeceríamos de pé, se elle não tivesse o cui-  
 dado de bater com os cotovellos, como por acaso,  
 amiudadas vezes, sobre as nossas costellas.

O seu caso é simples. Tinha uma esperanca  
 qualquer e tirarão-lh'a. Sobre esta these organiza  
 elle um drama, como um pregador organiza um  
 sermão sobre um texto latino, e lança-o sobre nós  
 á carga cerrada.

Durante as 24 horas do primeiro dia, expõe  
 elle os primeiros 24 actos. Felizmente, a morte  
 vem cortar o fio da tremenda historia, e o da



nossa existencia, se um acaso qualquer o não obriga a separar-se de nós. A bengala é a unica taboa de salvação que nos resta em tão calamitoso naufragio.

Antes d'isso, porém, quantos soffrimentos!

— Meu caro Ezequiel, agora sigo por aqui.

— Não tenho destino, vou tambem.

— Amigo Ezequiel, estou com somno, vou me deitar.

— Acompanho-o até a casa.

— Moro aqui. Vou me deitar.

— Está dito; descançarei um bocado. Boa vida! Sim senhor! Que numero é?

— 497.

E toma nota.

Participa depois da nossa ceia, senta-se na cama, remeche os livros, e não se peja de lançar uma vista de olhos sobre os nossos papeis.

— Estou a cahir de somno! Da-me licença? dizemos-lhe.

— Es-a é bôa! Franqueza, franqueza.

Vamo-nos despindo. E' escusado dizer que durante este tempo o drama começado ás seis horas da tarde—continúa a passar sem novidade em uma importante extensão.

Adormecemos.

De repente, quando o nosso estado é mais delicioso, e quando um sonho ineffavel começava a mostrar-nos Ezequiel encadernado em couro, e transformado em bibliotheca de convento, abandonado a tristes destinos, sentimos um abalo.

— O que é? o que é? exclamamos, esfregando os olhos com sobresalto.

— Então, ja a dormir?! Isto não tem geito. Ora vejão!... exclama ironicamente.

— Uma distracção....

E vamos adormecendo de novo.

-- Mas quer saber o que me disse o presidente? continúa elle, sacudindo-nos. — Disse-me que havia de ver... e... que... tal... Percebe?

Um discurso em latim, na universidade, um artigo de fundo de uma folha politica e uma caixa de pilulas de opio não produzem um desfallecimento morbido mais completo. O inverno produz sobre as formigas um somno de seis mezes, mas Ezequiel pode gabar-se de produzir, sem grandes esforços, sobre a humanidade o somno eterno.

Supponhamos que elle tentou acordar-nos inumeras vezes, mas que chegando á convicção de que tinha perpetrado o crime de homicidio voluntario, fugira espavorido com medo de ser preso.

Ao outro dia de manhã o despertar é delicioso. Ezequiel bateu em retirada, julgando-nos morto. Ja ali não está. Para onde iria? Oh felicidade!

Voltamo-nos na cama indolentemente. A roupa morna circunda-nos com carinho. Pela janella entra o matutino sol... do meio dia. E' o momento precioso, em que a pagina de um romance é um genero de primeira necessidade. Estendemos a mão para a banca, instinctivamente, procurando no sitio costumado o nosso Mery, em brochura.

Horror!

Ezequiel levou comsigo o romance!

A leôa a quem roubão os filhos, o tigre de Bengala ferido pelo caçador, o candidato a deputado que levou taboa dos eleitores, e o thug manietado á traição, não sentem uma furia mais indomita, um desespero mais allucinado, uma sêde de sangue mais devoradora. E, rugindo de coera, voltamo-nos para a parede meditando na compra de um punhal hervado ou de um revolver de seis tiros, e n'este preceito da antiguidade: a vingança é o prazer dos deuses!

Ao outro dia, mal pomos pé na rua, lá corre elle para nós, de braços abertos. Estacamos, tomando a attitude de um homem que se acha disposto a eliminar do numero dos vivos o seu maior inimigo. A' falta de um punhal hervado, exercemos a nossa vingança pelo systema de inglez e exclamamos furiosamente:

— O romance ou a vida!

Elle, porém, desarma-nos, dizendo-nos com um sorriso amavel, cheio de doçura:

— Desculpe-me não me ter podido demorar hontem mais tempo, sim?

— Bandido! Scelerado!!

N'uma palavra, para nós, que não acreditamos no inferno, o *massador* é o terrivel flagello que o Senhor arrojou a esta sociedade dissoluta n'um momento de indignação exagerada. E diga-se com a phraseologia do nosso tempo: — O Senhor excedeu se a si proprio!

\*\*\*



## O PRIMEIRO ENCONTRO



( Desenho de uma illustração estrangeira )

— o —

## I

Ricardo, moço elegante,  
Apresentavel, gracioso,  
Frequentador d'altas salas,  
Eloquente, espirituoso,

Nunca tivera um „fracasso“  
No seu trato social;  
Jamais ficara „enfiado“  
Era um dote natural.

Não havia entre os da roda  
Em que elle se expandisse,  
Quem, o ridic'lo empregando,  
„Debical-o“ conseguisse

E entre moças — das ladinas,  
Ou das tolas e sensiveis,  
Tinha sempre „em qualquer campo,“  
Todas as palmas possiveis.

Era, pois, o mais perfeito,  
O mais habil rapagão...  
Mas certo dia bateu-lhe  
Vagamente o coração.

## II

Fallava-se em cafés, em salas. no theatro,  
No „restaurant“ pequeno, ao jogo do bilhar,  
Nos publicos passeios, no arrabalde ameno,  
Em toda parte enfim. Sem termo era o fallar.

—Mulher esplendorosa! —Extranha criação!  
A fama a apregoava assim. Mais uma estrella  
Rompera amplo céo da moda, fulgurante  
De mil scintillações de luz vivaz e bella.

Um dia, de repente nascera aquella forma  
Vaporosa, subtil, das roupas de menina:  
Tinha da flor nova, intacta,  
A frescura matutina.

## III

Só elle, o experto, Ricardo,  
Jamais a vira, apezar  
De lhe ouvir a voz sonora  
Que o fazia dondejar.

Entre innumerous projectos  
Que nunca punha em acção...  
O derradeiro, porém,  
Poude ter execução:

## IV

Emquanto o sol descia, e ao occidente  
As nuvens ao seu fogo se douravão,  
No jardim de Rachel as pardas sombras  
Mais e mais pelo solo se alongavão.

Do jasmineiro ao lado umbroso e fresco  
Servia-se o café a mesa breve;  
Rachel fôra colher distantes flores,  
Percorria o jardim ligeira e leve.

## V

Batem á porta: — Ricardo  
Cumpre o ultimo desejo:  
Vem por si apresentar-se  
Sem esperar um ensejo.

No jardim é recebido  
Com muito agrado e alegria.  
— Só falta agora Rachel  
Diz „por graça“ a velha tia.

A mãe, viuva altiva dos seus brios,  
Amante da etiqueta, — magestosa  
Levanta-se ao chegar a filha amada,  
Que vinha aos saltos no fallar ruidosa.

Tal choque soffre Ricardo,  
Que a bengala lhe cahio...  
Erigio-se, empertigou-se,  
E a saudação proferio...

Mas a mesinha ficara  
Por detraz, e não pudera  
Ser por elle presentida,  
Como um obstaculo que era

Ao dobrar do corpo fino;  
E no acto reverente  
Tomba a mesa!... Grita a tia  
Escaldada ao café quente.

— Inda em cima o meu vestido,  
Dizia ella; e fugia  
Da mesa, que mais ainda  
Para o seu lado pendia.



Derrama o bulé o café,  
 Cahem as chicaras ao chão :  
 Sahe a gritar, a correr,  
 Queimado, — mimoso cão.

No dominio de um instante  
 Tudo isto aconteceu :  
 O firme, astuto Ricardo  
 Desta vez esmoreceu...

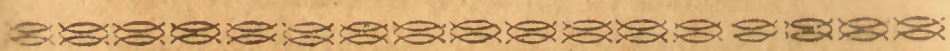
.....  
 .....

## VI

Mas eu creio que Rachel  
 Mui breve tudo esqueceu.  
 Talvez um laço dourado  
 Um ao outro os dois prendeu.

A. C.

Porto Alegre — 1881.



## UM DRAMA NAS NUUVENS



A parte nova, alegre e buliçosa da gente de Mannheim dirigia-se cabisbaixa e cansada para a cidade, deixando desertos os jardins, improvisados havia annos nos terrenos que d'antes occupavão as fortificações.

Só no jardim da Chaumiére, celebre nessa epoca em Mannheim por suas festas campestres, seus fogos de artificio e seus balões aerostaticos, não terminara ainda o bulicio.

Posto que desde ha muito fosse conhecido o admiravel invento de frei Bartholomeu de Gusmão, ninguem se lembrara de o converter em objecto de recreio senão em uma epoca mais proxima daquella a que nos referimos.

Esta idéa alcançou na Allemanha um exito tão completo e universal, que todos os jardins publicos tiveram que munir-se de balões aereostaticos, e em pouco tempo uma viagem ás nuvens se tornou cousa tão simples como um passeio pela beira do Rheno.

Curtas e sem o minimo perigo erão essas viagens, porque da extremidade inferior do balão pendia uma corda que se amarrava fortemente ao tronco de uma arvore, não passando em geral a ascensão dessas alturas.

\* \* \*

A multidão, dispersa pelas escuras e tortuosas ruas do jardim, encaminhava precipitadamente para uma vasta rotunda onde ia queimar-se um magnifico castello de polvora.

Apenas um homem dos seus quarenta annos e uma menina que teria quinze, quando muito, continuavão passeando socegradamente por uma das alamedas mais distantes da rotunda para onde acudia a multidão.

Após um momento de silencio, o homem disse com certa viveza e modo energico :

— Olha, Florencia, não posso, não posso perdoar que Christiano Loffman me conteste tão injustamente a herança que me pertencia.

— O testamento é que o ha dizer, Miguel, respondeu Florencia.

— Não ha testamento nenhum. E pelo facto de o não haver, é que Loffman me accusa de estar de posse de uma fortuna que me não pertence.

— Loffman não te conhece. Se te conhecesse, não se atreveria a formar de ti tal conceito.

— Tirarem-me a terra que cultivei por espaço de tanto tempo! exclamou Miguel... E então quem!

— O tribunal ainda não decidio a questão, interrompeu Florencia.

Miguel inclinou a cabeça com tristeza.

— Loffman é novo, activo e tem muitos amigos. Quem sabe se a estas horas ja estará lavrada a sentença que nos esbulha daquillo que julgavamos nosso; e que nosso era!

Florencia suspirou, e Miguel, serenando, accrescentou :

— Olha, minha irmã, seja o que Deus quiser. Deixemo-nos de pensar em cousas tristes e tratemos de nos distrahir.

Nesse momento fitarão-se seus olhos em um magnifico balão que se balouçava a pequena distancia do chão, e soarão a seus ouvidos estas palavras :

— Faltão dois lugares!

Miguel olhou attentamente para a barquinha, onde acabava de sentar-se um homem em trage de viagem e com um grande varapao na mão.

— Ha dois lugares! tornou a gritar o empregado incumbido de soltar a corda.

— Queres ir dar um passeio por cima das arvores? disse Miguel á irmã. Perigo não ha nenhum.

— Nenhum? perguntou Florencia.



— Absolutamente nenhum, disse da banda o empregado.

— Ea gente pode descer quando quizer?

— Sim, senhora. Basta puxar por este cordão.

Florencia tinha medo; seduzia-a, porém, a originalidade daquela viagem, e acabou por se resolver a emprehendel-a.

— Salta para dentro, exclamou Miguel.

E sentou-se na barquinha.

Florencia tomou lugar ao lado d'elle.

Ainda bem se não tinhamo sentado, o empregado soltou a corda e o balão principiou a elevar-se lentamente.

A' proporção que subia, Florencia, de vermelha que estava, fez-se muito amarella, não podendo suffocar um pequenino grito.

— Bastará? perguntou-lhe o irmão.

Miguel e o homem do varapao dirigirão ambos a mão ao mesmo tempo para o cordão da campainha.

— Não, não, disse Florencia, ja me vou acostumando a este movimento.

— Repara, observou Miguel, vamos passando acima das arvores.

A novidade do espectaculo dissipou completamente os receios de Florencia.

O panorama era magnifico.

— Olha la, ó Miguel, perguntou Florencia ao irmão, não te julgas, como eu, mais socegado e feliz do que na terra?

— As sensações phisicas communicão-se á alma,olveu Miguel. Mas, que é aquillo? Não vês tanta gente a correr para a rotunda do jardim?

— E' o fogo de artificio que vai começar, respondeu o homem do varapao.

— Com effeito, la vão deitar os primeiros foguetes, disse Florencia.

— O fogo não quer pegar.

— Ouves os gritos e apupos do publico?

— Que balburdia!

— A multidão, vendo-se burlada, vai atropellar os agentes da autoridade, e fará em pedaços as peças de fogo e o fogueteiro.

— Olha de que nós nos livramos! gritou Florencia.

— Então, ja não tens medo? perguntou Miguel.

— Não, agora estou completamente socegada.

O balão continuava subindo.

Os tres viajantes soltarão um grito de admiração.

Debaixo de seus pés estendião-se, tanto quanto a vista podia alcançar, valles floridos, campos esmaltados de flores e as aldeolas dos arrabaldes de Mannheim, envoltas em uma nuvem azulada.

— Formosa terra esta! exclama o homem do varapao. Deus concedeu aos filhos della campos fertes, rios navegaveis e montanhas cobertas de arvoredos.

Miguel suspirou.

— Feliz, sim, e bem feliz seria esta terra, disse, se nella se não soubesse o que são demandas e calumnias.

— Tem alguma questão em litigio? perguntou-lhe o homem do varapao.

— E o meu adyersario não é homem que se deixe adormecer ao som da agua, tornou Miguel. Trabalha como um desesperado para ganhar a demanda.

— Eu tambem tenho um pleito em litigio.

— Pois eu se perco o meu, fico pobre como Job.

— Outrotanto me acontecerá a mim.

— O fructo do meu trabalho irá enriquecer um avarento.

— Um hypocrita mallogrará talvez a minha unica esperança.

— O que eu receio é que me não fação justiça.

— E eu que vença a rabulice.

— Vejo que é identica a nossa situação. Deus o livre ao senhor de um Christiano Loffman!

— Esse é o meu nome!

— O seu nome!

— E o do meu contrario é Miguel Richer.

— Miguel Richer sou eu.

Os dois demandistas fitarão-se com espanto, rancor e ira ao mesmo tempo.

— Ois o que Christiano Loffman disse do seu adversario é uma pura calumnia, exclamou Miguel Richer.

— E uma infamia o que Miguel Richer affirmou do seu, gritou Christiano Loffman.

— Chamem em nome do céu e desçamos á terra, soluçou Florencia assustada com a explosão daquelles odios ha tanto tempo reprimidos.

— Sim, la em baixo é mais facil uma explicação, disse Miguel.

— E conte com ella decisiva, redarguiu Christiano.

E ambos pucharão ao mesmo tempo pelo cordão da campainha.

O balão não se mexeu.



Tornarão a tocar.

— Eu não vejo o empregado, observou Flo-  
rencia.

— Ahi vem um grupo de estudantes que nos  
ouvirão, adduzio Christiano... Mas o que vão elles  
fazer?

— Vão cortar a corda, gritarão ao mesmo  
tempo Florencia, Miguel e Christiano... Suspendão!  
suspendão!

Era tarde para serem ouvidos.

Um momento depois o balão perdia-se no  
espaço.

\* \* \*

Tanto que perderão de vista primeiro o jardim  
e a terra depois, á desesperação succedeu o so-  
cego no espirito dos tres viajantes.

Nada tinham a esperar de si nem dos seus  
semelhantes.

Florencia jazia sem sentidos nos braços do  
irmão, a quem fallecião a acção para a soccorrer  
e as idéas para apreciar a situação.

Christiano Loffman, sentado na extremidade  
opposta da barquinha, parecia mais socegado, e  
de quando em quando olhava com certa ternura  
para Miguel e Florencia.

O balão, abandonado á inconstancia do vento,  
pairava no espaço, ja fendendo-o como a andori-  
nha que voa em demanda do ninho, ja parando  
nos cerros das montanhas, como o abutre á mira  
da presa.

Florencia desprendeuse dos braços de Miguel  
e deixou-se cahir no fundo da barquinha.

— Que vais tu fazer? perguntou-lhe Miguel.

— Tenho somno, deixa-me dormir, volveu  
Florencia com voz quasi imperceptivel.

— Acorda, por Deus, acorda, minha irmã,  
exclamou Miguel, que esse somno é a morte.

Florencia não se mexeu.

— Valha-me o céu... Não me ouve... está a  
tremar de frio... murmurou Miguel.

— Tome la a minha capa, disse Christiano.

— Á sua capa! replicou Richer commoyido.

— Sofframos nós que somos mais fortes,  
volveu Loffman.

E sem esperar que Miguel pegasse na capa,  
estendeu-a carinhosamente sobre o corpo inani-  
mado de Florencia.

Ao endireitar-se, a sua mão encontrou a de  
Miguel, e este apertou-lh'a com verdadeira effusão.

— Reconcilia-nos o que acaba de fazer e

retiro as palavras que proferi em um momento  
de desyario.

— Perdão, quem andou mal fui eu, tornou-  
lhe Christiano.

— Avisinha-se o momento em que iremos  
todos dar contas a Deus das nossas accões. Depo-  
nhamos, pois, os nossos odios antes de compare-  
cermos na sua presença.

— Ahi tem a minha mão, Miguel Richer.

— E aqui tem a minha, Christiano Loffman.  
Cada um de nós fazia do outro o peor conceito,  
porque ambos defendiamos interesses oppostos.  
Casos destes estão dando-se a cada passo entre os  
homens. Ergamos graças a Deus, que nesta hora  
solemne nos reunio para purificar nossas almas  
do fel que as empeçonhava.

— Sim, Miguel, demos graças a Deus! mur-  
murou Florencia.

— Rezemos, disse Miguel inclinando-se para  
a irmã e sem largar a mão de Christiano.

E aquelles tres corações confundirão-se na  
mesma prece.

\* \* \*

Principiava a amanhecer.

Os nossos viajantes começarão a distinguir a  
terra, ainda que confusamente, e a esperança  
reanimou-lhes os corações, unidos agora pela fé  
em Deus.

Ja não estavam sós naquelle abysmo de trevas  
em que toda a noite haviam boiado.

O sol estava ao lado delles e por baixo a terra.

Richer deu um grito de alegria; acabava de  
avistar a sua aldêa e a sua casa.

— Pois não haverá meio algum de nos salvar-  
mos? exclamou Florencia.

— Ha um, mas esse perigoso, disse Loffman.

— Seja o que for é preferivel a esta agonia,  
disse Richer.

— O balão principia a descer; abreviemos-  
lhe a queda rasgando a tela.

Disse, e com uma faca de mato que trazia á  
cinta, fendeu a tela do balão.

Este, lançando um gemido, como um ente  
animado ao receber uma ferida, agitou-se con-  
vulso, e fugindo-lhe o gaz pela abertura, desceu  
com espantosa rapidez.

Florencia, Richer e Loffman fecharão os  
olhos.

\* \* \*

No dia immediato estavam os dous homens á



janella de uma casa construída na encosta de um monte, onde milagrosamente se detivera o balão, sustido por uns espinheiros.

— Quaes são os limites das suas terras ? perguntou Loffman a Richer.

Miguel estremeceu como se esta pergunta lhe houvesse revelado o pensamento de Christiano.

— Diga antes das terras que estão em litigio, respondeu. E' justo que o deseje saber

— Juro-lhe que não era essa a minha intenção.

Florencia entrou nesta occasião no quarto onde estavam Christiano e Miguel, e disse a este ultimo entregando-lhe uma carta :

— Se me não engano, é do nosso advogado.

— Decidio-se provavelmente a questão, tornou Miguel abrindo o papel.

— Antes de sabermos o que diz essa carta, observou Florencia, é preciso renovarmos o nosso juramento de amizade eterna. Não se esqueçam da noite que passamos nas nuvens.

— Nunca ! disse Richer.

— Nunca ! repetio Loffman.

— Está em sua casa, Sr. Loffman, accrescentou Richer depois de ler a carta.

— Ah ! então os juizes sempre derão a sentença a meu favor ! exclamou Christiano, não podendo conter um movimento de alegria.

— Veja a copia da sentença, volveu-lhe Richer entregando-lhe a carta. E' senhor absoluto da herança que um ao outro disputavamos.

— Todos os bens deste mundo não valem um amigo, replicou Loffman rasgando a carta.

Richer olhou para elle espantado.

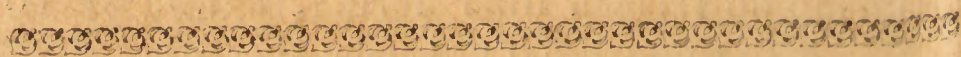
Florencia poz as mãos.

— Sim, accrescentou Loffman; entrei nesta casa como hospede e como hospede quero conservar-me nella. Procuraremos um meio de arranjar as cousas de outra maneira.

— E' impossivel ! murmurou Richer.

— Porque ? perguntou Christiano olhando com ternura para Florencia, pois tua irmã que nos fez amigos, não poderá fazer-nos tambem irmãos ?

\*\*\*



### PRELUDIO DE AMOR

A ELLA

Fitando teus lindos olhos,  
tão negros, meigos, mimosos,  
que riem, chorão, reflectem  
enlevos d'alma ditosos;

Lendo em tua diva fronte  
candura, extremos, condão;  
em teu perfil donairoso  
encantos de adoração;

Ouvindo-te a voz suave  
modular fallas amenas,  
traduzindo em ternos sons  
bellas miragens sem penas;

Notando emfim o perfume  
que de teu todo se exhala...  
o mimo, as graças de um anjo  
cujos dons a mente cala :

Senti, querida, em meu ser  
doce e grata commoção...  
e jubiloso, sorrindo,  
te votei o coração !

Assim, pois, gentil morena  
(se não é uma illusão  
o que deixo transluzir  
nesta singela canção) :

—Attende, pensa no bardo,  
triste, só, enamorado,  
a seguir a luz de um astro...  
a viver d'uma affeição !

E quando, ao morrer da tarde,  
um echo ao longe saudoso  
vier brando suspirar  
ignoto canto queixoso...

Escuta as notas plangentes  
que á noite a brisa cicia...  
são sentidas, mas exprimem  
do amor sonho ou magia !

Então segredando as flores  
poemas de melodia...  
murmuraraõ de mansinho,  
um concerto de harmonia :

„Se acaso, tímida virgem,  
buscas ventura alcançar  
— sabe que da vida o Eden  
consiste só em amar ! “

E o prado reverdece...  
o dia ja se annuncia...  
as estrellas adormecem...  
emballando a poesia !

A. C. P. C.

Porto Alegre — 1881.